

QUANDO NOVAS JUVENTUDES ENTRAM EM CENA: APRENDIZADO SOCIAL MODERNISTA A PARTIR DAS CORRESPONDÊNCIAS DE MÁRIO DE ANDRADE E O GRUPO VERDE

João Camargo de Albuquerque Mello¹

RESUMO: O presente trabalho busca compreender a relação entre Mário de Andrade e o grupo Verde de Cataguases, tomando o modernismo como movimento cultural. A partir disso, identifica-se nas cartas trocadas entre eles uma forma de aprendizado estético modernista direcionado àquela juventude, produzida por Mário de Andrade a partir de um ideal de *self* modernista. Trabalhando as cartas iniciais dessa correspondência, pretende-se observar de que forma aqueles jovens interagem com os valores que circulavam naquela troca epistolar. Tomando a carta enquanto uma escrita de si errática, nossa hipótese é a de que, a partir delas, observa-se uma rotinização do modernismo, se fazendo por meio de um aprendizado social formulado a partir de um *self* modernista aberto e inacabado.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Movimento Cultural. Mário de Andrade. Grupo Verde. Correspondências.

WHEN NEW YOUTHS ENTERS IN THE SCENE: MODERNIST SOCIAL LEARNING IN THE CORRESPONDENCE BETWEEN MÁRIO DE ANDRADE AND THE VERDE GROUP

¹ Mestrando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: j.camello42@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6487-8432>.

ABSTRACT: This paper seeks to comprehend the relation between Mário de Andrade and the Verde group of Cataguases, understanding the modernism as a cultural movement. It is identified in the correspondence between them one form of modernist social learning directed at those youths, produced by Mário de Andrade from an ideal of modernist self. Taking the firsts letters from that correspondence, this paper looks forward to observe how this youth interacts with that form and the values that circulated in that exchange. Considering the letter as an erratic self-writing, the hypothesis is that by those letters it can be observed a routinization of modernism, which is being made by a social learning founded on an open and uncompleted modernist self.

KEYWORDS: Modernism. Cultural Movements. Mário de Andrade. Verde Group. Correspondence.

QUANDO NUEVAS JUVENTUDES ENTRAN EN CENA: APRENDIZAJE SOCIAL MODERNISTA A PARTIR DE LA CORRESPONDENCIA DE MÁRIO DE ANDRADE E EL GRUPO VERDE

RESUMEN: El presente trabajo busca comprender la relación entre Mário de Andrade y el grupo Verde de Cataguases, entendiendo el modernismo como movimiento cultural. A partir de eso, se identifica en la correspondencia intercambiada entre ellos una forma de aprendizaje modernista dirigido a la juventud, producida por Mário de Andrade a partir de un ideal de self modernista. Trabajando con las cartas iniciales de esta correspondencia, se pretende observar cómo esos jóvenes interactúan con los valores que circulaban en este intercambio epistolar. Tomando la carta como una autoescritura errática, la hipótesis es que las cartas muestran una rutinización del modernismo, ocurriendo a través de un aprendizaje social formulado desde un self modernista abierto e inacabado.

PALABRAS CLAVE: Modernismo. Movimientos culturales. Mário de Andrade. Grupo Verde. Correspondencia.

INTRODUÇÃO

Em 1927 chegou da Zona da Mata mineira uma notícia espantosa aos modernistas de São Paulo. De lá, chegava uma nova revista modernista, *Verde*, que daria continuidade a uma rotina de periódicos modernistas

que circulavam pelo Brasil desde 1922.² A publicação colocou a cidade de Cataguases no circuito daquele movimento cultural, descobrindo-a e a colocando em uma posição de notoriedade nacional. “Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases!”, escreve Ribeiro Couto ao comentar o surgimento dessa revista (COUTO, 1928, p. 10).

Embora tenha focado sua análise no grupo modernista de Belo Horizonte, Dias (1971) chama a atenção para a relação metrópole-província na literatura brasileira que a *Verde* trouxe à tona. Produzindo algo de modernista a partir de Cataguases, a surpresa e relevância é descrita no depoimento de João Alphonsus que o autor recupera:

O pequeno Brasil que se incomoda com as letras tomou conhecimento da revista ‘Verde’, festejou-a com certa amplitude intencional e me parece que foi o sr. Tristão de Ataíde que a encarou primeiro debaixo do critério periferia, acima referido.

Força é confessar que foi S. Paulo o primeiro núcleo literário modernista, com a revista ‘Klaxon’, a ‘Semana de artes modernas’ (sic), e suas vaías gosadas. Ora, o eixo já se deslocara do centro-Rio pendendo para o sul, de onde infletiria, com alguma pretensão, para Belo Horizonte, com o malogrado pugilo de poetas e escritores que fundaram e mantiveram durante três números ‘A Revista’, igualmente festejada na ocasião. Dentro de Minas, já não era a capital mas uma simples cidade que estava destinada às terceiras manifestações históricas do prurido de diferenciação artística, poética, idiomática, etc., com o passado. Cataguases. ‘Verde’. Surgiu de um modo tal que não foi possível deixar de tomar conhecimento dela. Era o milagre. A seiva viera do meio, se espalhara para as beiradas fecundas; agora as beiradas devolviam revigorada pela sua fecundidade a seiva, e o milagre bonito era digno de nota (ALPHONSUS, 1930 *apud* DIAS, 1971, p. 51-52).

² Os periódicos são: *Klaxon* (1922-1923), *Estética* (1924-1925), *A Revista* (1925-1926) e *Terra Roxa e Outras Terras* (1926).

Esse milagre não era sem explicação. Não era como se, distante, Cataguases estivesse isolada do que acontecia naquele momento na literatura brasileira. No que diz respeito ao modernismo, embora tivesse alguns contatos no Rio de Janeiro, Richa (2008) indica a presença de uma relação do grupo de Cataguases com o grupo Estrela, de Belo Horizonte, que havia organizado *A Revista* (1925-1926). Portanto, para chegar nas beiradas a seiva modernista seguiu um caminho de Belo Horizonte a Cataguases. Antes disso, a integração dos rapazes da capital mineira ocorreu no contato com a caravana dos modernistas paulistas na sua viagem às cidades históricas mineiras em 1924. Para além da viagem, o grupo de Belo Horizonte estendeu aquele breve momento se correspondendo com Mário de Andrade.

Daquelas cartas, o grupo Estrela pôde se alimentar de um modernismo que era não só um debate de ideias, mas todo um tipo de socialização que lhes serviu enquanto “uma aprendizagem estética e moral capaz de exercitar determinada maneira de pensar e sentir o Brasil e o mundo” (BITTENCOURT, 2017, p. 32). Esse tipo de relação também se firmaria com os rapazes de Cataguases, que junto da *Verde* enviaram ao número 106 da rua Lopes Chaves uma carta endereçada a Mário de Andrade. Assinada por um garoto chamado Rosário Fusco, esta carta iniciaria uma relação daquele intelectual paulista com o grupo por trás da nova revista modernista. Se a partir dela o esforço de rotinização do modernismo se fez direcionado a um público mais amplo, é possível ver na troca de cartas um outro trabalho no cotidiano modernista: a produção de um aprendizado coletivo a partir de Cataguases, que mudava a forma daqueles rapazes compreenderem a si próprios e a literatura.

Sendo assim, este artigo busca compreender como as primeiras cartas trocadas entre Mário de Andrade e o grupo Verde funcionaram enquanto um meio de rotinização das ideias modernistas. A delimitação desse conjunto, tomando as epístolas que abrem a correspondência de Mário com cada um dos correspondentes verdes,³ busca observar a

³ Participaram do grupo Verde: Ascânio Lopes (1906-1929), Camilo Soares (1909-1982), Christophoro Fonte-Boa (1906-1993), Enrique de Resende (1899-1974), Francisco Inácio Peixoto (1909-1986), Guilhermino César (1908-1993), Martins Mendes (1903-1980), Oswaldo A Britta (1908-1947) e Rosário Fusco (1910-1977). Desses nove participantes, apenas

integração daqueles jovens em uma rede modernista mais ampla. Tomando a carta enquanto escrita nômade, em que o sujeito procura firmar uma identidade a partir da escrita de si, seleciona-se este conjunto de cartas buscando observar como se estabelece um contrato epistolar ao indagar como aqueles jovens reagiram aos ideais modernistas presentes nos diálogos com Mário de Andrade. Vale ressaltar que o contato de Mário com as juventudes fazia parte de um projeto de movimento cultural, buscando nos seus correspondentes novos atores a colaborar e seguir adiante com o trabalho de abasileiramento do Brasil tencionado pelo modernismo. Diante disso, busca-se compreender como as correspondências de Mário de Andrade contribuíram para a rotinização de um *self* modernista. Tomando essa interação como um tipo de aprendizado social, esse começo de conversa é tratado como uma espécie de propedêutica modernista, integrando os verdes ao modernismo enquanto movimento cultural. Para isso, é necessário qualificar como se produz um movimento cultural a partir da correspondência, além de contextualizar as ideias modernistas de Mário de Andrade naquele momento.

UM MOVIMENTO CULTURAL A PARTIR DAS CARTAS

Definindo movimentos culturais enquanto “iniciativa articulada – embora descentrada e heterárquica na coordenação das ações – para a alteração, controle ou seleção dos recursos culturais disponíveis nos processos de reflexividade mais geral da vida social” (BOTELHO, 2020, p. 203), ou seja, disputando autocompreensões sociais e imagens que circulam sobre a sociedade e orientam forças sociais e políticas em disputa, Botelho (2020, p. 179) indica os processos de socialização que formam um *self* modernista e o aprendizado social e controle político da mudança cultural enquanto dimensões presentes na caracterização sociológica do modernismo.

Christophoro Fonte-Boa, Martins Mendes e Oswaldo Abritta não se corresponderam com Mário de Andrade. Os outros seis membros tiveram suas cartas reunidas em Menezes (2013). Para o presente trabalho, excluiu-se da análise a correspondência com Guilhermino César, que não procurou na relação com Mário uma aprendizagem estética modernista.

Tratando o modernismo enquanto um tipo de socialização específico, que implicou tanto a construção de um movimento coletivo quanto a modelagem das personalidades dos seus atores (BITTENCOURT, 2019, p. 235-236) a partir de normas e valores rotinizados, nossa aposta é a de que a troca epistolar funcionava como um elo de interlocução entre os missivistas (BOTELHO, 2015), em que circulavam recursos culturais que modificavam a conduta e autocompreensão dos indivíduos por meio de um aprendizado modernista à distância. Tendo as cartas enquanto meio para a mudança cultural, avaliar a modelagem dos sujeitos conforme os ideais e normas do movimento tem em vista tanto a contingência entre a mudança preterida pelos movimentos na sociedade e a ação do movimento em processo quanto a dinâmica epistolar de uma escrita de si, em que o sujeito se automodela de acordo com o seu interlocutor. Logo, busca-se compreender por esta circulação a construção de uma identidade coletiva - o *self* modernista -, que produz uma ordem narrativa na qual os sujeitos se modelavam a partir da escrita de si.

Se em trabalhos anteriores (BITTENCOURT & HOELZ, 2022) a dinâmica coletiva do aprendizado social modernista foi observada a partir das diferenças entre os grupos Estrela, de Belo Horizonte, e do grupo Verde, pretende-se aqui avaliar as interações dos membros do grupo de Cataguases com Mário de Andrade, observando suas diferenças e seus elementos gerais. Tomando como base o texto de Eder (2001), a partir dessas interações via cartas, propõe-se entender os processos de significação - em que os significados ganham significados - nesse tipo de relação. Para entender e explicar os processos sociais de construção de significado a partir dos relatos narrativos presentes na escrita de si, toma-se como base da ordem narrativa o reconhecimento recíproco dos atores em situações sociais.

Vale lembrar que ao tratar a cultura enquanto um campo de conflitos e disputas, e não somente de consensos, esta abordagem não procura nivelar os relatos de uma narrativa de si pelas normas e valores pelos quais se elaboram. Em outras palavras, se os representantes do movimento se interpelam mutuamente com suas questões, busca-se produzir uma cartografia da ordem narrativa, compreendendo as reformulações -

sincréticas, sintéticas ou mesmo unilaterais - e a marcação de diferenças que caracterizam as posições daqueles membros dentro de uma ordem narrativa comum. Pois, como nos lembra Eder (2001, p. 16-17, grifos meus), “O argumento é que a organização narrativa da experiência fornece *as características estruturais das situações sociais* nas quais os participantes têm chance de aprender ou são forçados a não aprender”.

Sendo assim, observa-se como o sujeito constrói-se ativamente a partir da e na correspondência ao modelar a forma em que se apresenta para o outro missivista, externalizando sua subjetividade através da escrita. Pensando a partir dos movimentos culturais, destaca-se a escrita epistolar enquanto uma técnica de si, através da qual o sujeito recorre ao outro para buscar o conhecimento de si ou simplesmente mostrar-se, fixando determinadas identidades sobre si próprio (FOUCAULT, 1992; FOUCAULT, 1997).

Contudo, tomando a escrita epistolar como uma forma nômade do sujeito, observar a circulação de uma identidade coletiva naquela correspondência requer considerar a carta enquanto forma inacabada de automodelagem. A partir disso, toma-se a carta como uma escrita de vida (DIAZ, 2016), que se encontra à procura de formular uma subjetividade própria por uma gramática básica modernista que circulava naquela correspondência. Dessa forma, a escrita epistolar se configura enquanto uma forma de construção subjetiva em movimento a partir de uma relação intersubjetiva na qual os sujeitos se modelavam diante de um *self* modernista.

Para realizar esta abordagem, retornamos aos elementos básicos que constituem a lógica interna da correspondência, no caso, a tópica e a retórica. Segundo Harouche-Bouzinac (2016), a tópica de uma correspondência se constitui a partir de um repertório de assuntos dinâmicos e limitados que varia em cada relação, que se inserem na tradição na qual o diálogo está inscrito e nas referências do contexto da época (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 101). Tomando a relação de Mário de Andrade com aqueles jovens como uma pedagogia epistolar (MORAES, 2007), a tópica dos diálogos com o grupo Verde circunscreve-se pela relação de

formação daqueles jovens a partir dos ideais modernistas reelaborados pelas escritas de si.

Por outro lado, a análise deve-se voltar também para o elemento retórico da carta, atendo-se à sua eficácia persuasiva com o interlocutor, buscando alterar as disposições alheias. Neste sentido, identifica-se na retórica marioandradiana a atitude aberta aos jovens, que se relaciona com o método dialógico de Mário (SOUZA, 2009; SANTIAGO, 2006 *apud* BOTELHO & HOELZ, 2022, p. 223), buscando firmar uma educação modernista pelo discurso inacabado, exigindo do seu interlocutor uma participação efetiva no debate.

Partindo dessa relação de Mário com os jovens, inseri-la em um projeto de movimento cultural encetado pelo modernismo requer posicioná-lo não somente no seu objetivo - abraçar o Brasil - como também contextualizar a base discursiva através da qual Mário de Andrade fundamenta sua interação com aqueles jovens. Nesse sentido, pode-se observar as ideias produzidas nos escritos teóricos de Mário de Andrade dos anos 1920, orientando a educação estética modernista presente nos diálogos com a juventude da *Verde*. Avaliando esses textos, Lafetá (2000) esquematiza a consciência de linguagem do intelectual paulista entre a sua consciência estética, sociológica e psicológica. Se ao longo dessa produção de Mário, que passa pelo *Prefácio Interessantíssimo* (1922), *Escrava que não é Isaura* (1925) e as discussões sobre estética nas cartas a Manuel Bandeira entre os anos de 1920, Lafetá identificou a relação daquelas três esferas com a tensão entre lirismo e técnica na poesia, complementada pela relação entre indivíduo e sociedade, a sua esquematização possibilita contextualizar os problemas sobre arte e sociedade levantados por Mário na discussão com os jovens da *Verde*.

Desse modo, se Lafetá identificou no diálogo com Manuel Bandeira um arquivo de formação das ideias marioandradianas sobre arte e sociedade, com aquele grupo de Cataguases, o pensamento de Mário também se faz em movimento. Tratando-o enquanto aprendizado social coletivo, os jovens se aprimorariam a partir das ideias de Mário, enquanto este se abre para os problemas da juventude. Logo, a correspondência de Mário com a juventude é compreendida não somente como forma de

“pensamentear” um *self* modernista, como também meio para rotinizá-lo a partir de um aprendizado coletivo. Sendo assim, abrasileirar o Brasil, no caso avaliado a seguir, passa por um processo de educação estética interativo fundamentado em um repertório de ideias modernistas que vinha sendo elaborado a partir de Mário de Andrade.

PROPEDÊUTICA MODERNISTA

“Mando pra você, com esta carta e um abraço, toda a minha amizade também. Não mando a minha admiração e a minha simpatia porque você já é dono das coisas a muito tempo. Tá?” (MENEZES, 2013, p. 22). É assim que inicia a carta datada em 25 de setembro de 1927, em que o jovem Rosário Fusco busca puxar conversa com Mário de Andrade. Ele se faz breve nessa primeira tentativa de exteriorizar sua subjetividade, tendo um curto “Tá?” fechando a exposição de si naquela missiva. A letra, porém, continua à procura de um retrato que possa apresentar a si mesmo. Rosário se refaz com novos traços: da “cidadezinha pacata de Minas Gerais”, Cataguases, “com a lamentável mania de pedir”, e - assim como seu interlocutor - um “fazedor de versos” são alguns elementos que mostra para seu correspondente.

Primeiro verde a enviar uma carta, também é por Fusco que se tem a primeira forma daquele grupo enviada ao intelectual paulista. Conta que naquela Cataguases ele e Enrique de Resende fundaram a revista *Verde*, pedindo a Mário alguma colaboração. Receoso de estar “aporrinhando” seu interlocutor, explica quem seria o culpado desta tentativa de comunicação: Alcântara Machado, que anteriormente já havia aceitado colaborar na nova revista modernista e lhe sugere outros contatos em carta (MENEZES, 2013, p. 22).

Tendo apresentado seu grupo, pedido colaboração e apontado o culpado de tudo aquilo, Fusco continua pedindo um livro para Mário e sua amizade. Avisa, por último, que lhe enviará alguns versos após ser respondido, finalizando o texto da carta com mais fechamento da exposição de si: o “Pronto” antes da assinatura, fechando a apresentação de si e do grupo modernista de Cataguases. Não sem antes haver mais

uma reabertura da carta em seu *post-scriptum*, retratando-se pelo estilo desabusado e inquieto:⁴

Perdoe o desembasamento da minha carta e das minhas palavras. E trate de me responder logo - LOGO.

Ouviu?

Escreva sempre e mande versos. Se possível for (MENEZES, 2013, p. 24).

Em carta posterior, descobre-se que não foi somente Alcantâra que havia recomendado o contato com Mário de Andrade. Se é pela conversa com Mário que Rosário Fusco busca um meio para aprimorar-se enquanto um fazedor de versos, a procura pelo autor paulista já havia sido receitada por outro jovem mineiro, Carlos Drummond de Andrade, que pouco antes havia iniciado um aprendizado modernista com Mário de Andrade:

Não sei se já te falei a respeito da receita que o Carlos Drummond me mandou. Qué vê:

'Use Mário de Andrade
é o melhor remédio e não falta nunca!'

Gostei da receita. Embora ela me pareça um tanto irônica. Me explico: esse use aí, a meu ver, parece que quer dizer: copie, decalque etc. Não sei se tou errado. Mas acho que não tou não.

Por isso e por uma porrada de razões quero a opinião de vocês sobre os versos que mando. São ruinzinhos da silva.

Nada de literatura. Nada de literatura bibelô. Nada de arranjos fraseológicos. Nada. Táí. (MENEZES, 2013, p. 25, sublinhado no original).

⁴ Essa caracterização de Fusco é feita pelo Mário de Andrade ao comentar seus poemas no livro *Poemas Cronológicos* (1928), escrito junto a Enrique de Resende e Ascânio Lopes: "Henrique de Resende mais tradicional, Ascânio Lopes mais familiar, Rosário Fusco mais desabusado, inquieto, botando o pé na fogueira pra poder afirmar depois que fogo queima de verdade" (ANDRADE, 1928a, p. 11).

Pela relação pregressa de Mário de Andrade com Drummond e o grupo modernista de Belo Horizonte, pode-se pensar que a recomendação de Mário de Andrade enquanto um fármaco não se dá somente pela cópia. O diálogo com a liderança modernista poderia ser para Fusco e seu grupo uma forma de deseducação necessária para a batalha modernista na qual tramavam se inserir. Sendo assim, Rosário passa a enviar seus versos novos, sem literatura bibelô ou arranjos fraseológicos, já protegendo a si mesmo das críticas ao descrevê-los como “ruinzinhos da silva”.

Com vontade de aparecer, Fusco continua a enviar versos que pretendia organizar em um livro mesmo sem a resposta de Mário. Com a mania de pedir, pergunta se Mário escreveria um prefácio para ele. Jovem que buscava se iniciar escritor, a demora de Mário causa insegurança em Fusco, como se ao procurar Mário também procurasse legitimar-se enquanto fazedor de versos. Desculpando-se pela demora para escrever de volta, Mário se justifica com suas obrigações cotidianas enquanto escritor no *Diário Nacional*. Escrevendo as notas destinadas a comentar aqueles versos de Rosário Fusco, conta Mário que identificou ali um material pertinente para circular em sua coluna. Ao explorar a carta como um reservatório da crônica publicada por Mário de Andrade, “Da Metáfora (Carta a Rosário Fusco)” (1927), percebe-se a passagem da pedagogia epistolar para o jornal, no qual os problemas que o autor identificou nos versos daquele jovem mineiro trazia consigo um assunto pertinente a um público mais amplo.

Tratando desse poema, tanto na carta a Fusco quanto no texto do jornal, Mário critica a falta de lirismo na imagem produzida, que levaria o leitor a um intelectualismo ao construir uma imagem que não lidaria com o “valor psicológico das palavras, nem dos sons, nem do ritmo” (MENEZES, 2013, p. 9). Assim, embora direcionada a Fusco, a carta no jornal é também um gesto direcionado a um público escritor mais amplo. Inclusive, na matéria de jornal é possível observar o tratamento do “vazio eloquente da metáfora” como um problema coletivo brasileiro, relacionado à falta de tradições e de estudos no país:

Aprecio já muito pouco essa história de inventar uma metáfora e fazer disso uma poesia. É coisa fácil, Rosário Fusco, é coisa fácil por demais. Toda a gente é capaz de fazer isso e são justamente os mais pobrinhos de lirismo que caíram nesse processo e o desenvolveram com tanta fúria que não se atura mais. No Brasil e na Argentina, então, onde talvez por falta de tradições e de estudos bem assentados a gente possui uma falta de consistência psicológica inda muito grande, você não imagina como grassa a tiririca metafórica. É um desastre (MENEZES, 2013, p. 9).

Respondendo à crítica recebida em carta, Rosário agradece e comenta cada uma das sugestões de Mário. Anestesiada sua insegurança, o jovem mineiro passa a ter com o intelectual paulista um canal para envio de poemas que vai perdurar ao longo da correspondência, caceteando Mário, agora apelidado afetivamente de “MALUCO ADORÁVEL”, de versos e mais versos.

O segundo a enviar cartas para Mário, no dia 24 de outubro de 1927, Camilo Soares se apresenta brevemente como “o tal do ‘Matias Qualquer’ [personagem de seu conto publicado em *Verde n°1*]. Um rapaz moço. Que faz versos e outras besteiras. Acho que você já me conhece. Por isso não precisamos de conversa besta, à toa” (MENEZES, 2013, p. 28). Mesmo Fusco não o indicando enquanto membro naquela primeira apresentação, o envio da revista *Verde* faz com que Camilo -e os outros membros do grupo - dispensassem apresentações. Buscando firmar desde o início uma troca de versos com Mário de Andrade, este jovem mineiro pede uma avaliação com sinceridade paulista, como a que teve com Alcântara e a que não teve com o carioca Ronald de Carvalho:

Mando para você uns versos meus. Fala disso com sinceridade paulista. Como o Alcântara. Eu gosto de vocês aí de São Paulo por causa dessa baita sinceridade. Isso anima a gente. E, olha: eu tenho só 18 anos, estou criança. preciso da sinceridade de vocês. Não vá bancar o Ronald pra riba de mim. O Ronald elogia. No que acha ruim cala. Não gosto

disso. Aponta a porcaria e grita bem alto: seu burro, então você não vê que isso não presta? Assim. Assim meu caro Mário (MENEZES, 2013, p. 28).

Se Drummond sugerira a Fusco usar Mário de Andrade enquanto um remédio, Camilo Soares expõe a seu correspondente uma necessidade da conversa sincera, sendo a ajuda do outro mais experiente autorreceitada como um colírio para enxergar aquilo que não prestava em sua poesia. Atarefado com o “dilúvio de trabalhos” que tomavam seu cotidiano, Mário, ao invés de “escrever coisa comprida”, vai “desmigalhando” cada um dos assuntos que Camilo havia perguntado: sua opinião sobre o “Matias Qualquer”, o movimento modernista e seus versos. Antes, porém, ressalta que naquela troca epistolar não estaria no lugar de dar conselho ao jovem verde sobre o que fazer. Lhe concederia suas opiniões, atendo-se à diferença do caráter aberto dessa troca, deixando para que Camilo “faça o que bem entenda e resolva por si, aceite ou não aceite, pode ter a certeza que não pisarei nos calos por isso” (MENEZES, 2013, p. 35).

Reagindo àquela vontade da sinceridade paulista, Mário de Andrade prescreve suas cartas enquanto meio para Camilo conhecer a si, acatando ou não as opiniões ao criticar seus escritos. Não vendo valor no assunto em “Matias Qualquer”, Mário atenta-se à linguagem de Camilo, ainda muito falada, colocando a questão da linguagem brasileira enquanto problema coletivo passível de ser aprimorado:

E quanto à forma você, é natural, se debate ainda: síntese forçada em que tem muito desperdício inútil que você deixou e muita coisa essencial que você não disse, língua muito falada ainda quando literatura tem de ser feita em língua literária... Defeitos. Aliás defeitos em que todos nós inda estamos nos debatendo. Não se fatigue nem desconsolle. Você é sujeito vivo e asseguro que fará coisa boa (MENEZES, 2013, p. 35-36).

Ao encontrar em Mário um interlocutor crítico aos seus textos, Camilo também se depara com o aspecto técnico da linguagem, entrevedo

ali a consciência de linguagem de um escritor que perseguia um ideal modernista de abasileiramento do Brasil. Se a partir daquela relação há uma busca do aprimoramento pela crítica, Mário também não se coloca enquanto único receituário disponível para aprimorar-se, ressaltando a função benéfica da relação de Camilo com Ronald. Afinal, não bastaria aprimorar-se, como também criar coragem para continuar a progredir:

Também não zangue muito com o Ronald não. Posso falar isso agora com bastante largueza porque as minhas relações como ele estão bem dispersas. Nos falamos se nos encontramos, nos respeitamos, não nos escrevemos mais. E tem vários jeitos da gente fazer um moço que nem você, *progredir*. Um diz que não presta e o indivíduo trabalha pra prestar. Outro diz que presta e o sujeito cria confiança, *cria coragem* e pode ficar certo que isso é uma grande coisa na vida. Eu posso falar bem isso porque toda a minha vida até os 28 anos só fui desprestigiado pelos meus e pelos outros e as preocupações infinitas os temores as dúvidas que me ficaram dariam pra uma vida de martírio intelectual se eu não fosse o indivíduo com força bastante pra não querer ser desinfeliz. Finquei o pé na felicidade e sou feliz. Porém muita amargura ficou, Camilo Soares (MENEZES, 2013, p. 36, grifos meus).

Mesmo distante de Ronald, Mário ressalta o valor daquela relação para um jovem criar confiança de si. Escusado pela situação para falar de si, Mário constrói um autorretrato de sua juventude, em que a ausência de um sujeito para lhe valorizar o lançou a dúvidas e preocupações que ainda lhe causavam amarguras. Modelando seu passado pelos desafios externos colocados em busca de uma felicidade provisória e extremamente arriscada (ARAÚJO, 2014), Mário mostra que, para alcançá-la, o caminho não se faz sem dor. Mesmo construindo-se enquanto personalidade forte, sua trajetória para aprimorar-se e tornar-se aquele sujeito não foi feita sem infortúnios, decorrendo disto a valorização de alguém como Ronald para Camilo Soares, ao dar meios de progredir sem tantas dores como Mário havia passado.

Desse modo, Mário também se coloca enquanto um outro sujeito para ajudar Camilo a aprimorar-se, no qual suas opiniões lançam um desafio de examinar-se para alcançar uma forma mais cultivada de si. É esse caráter dialógico que mantém a sua correspondência com os verdes enquanto espaço aberto, valorizando a interação como forma para produzir-se um aprendizado, procedimento este também visto na correspondência de Mário com Rosário Fusco:

Quanto aos versos de você, veja as notas. São sinceras, mas não sei se estão certas. Se lembre sempre que falo em nome da minha Verdade e que se dou minha opinião franca não aconselho nada. Faça o que quiser, resolva como quiser, não fico zangado por isso. Só te peço que não ponha paixão na resolução, seja sincero pra consigo mesmo e até severo. É a maneira mais rápida da gente ser feliz e andar sossegado (MENEZES, 2013, p. 32).

Lançando o desafio para aqueles rapazes de Cataguases, cabia a eles aceitá-los ou não. Por um lado, a abertura ao diálogo incita Camilo a mostrar seus planos, seja a ida para São Paulo em busca de emprego ou sua ideia de publicar um livro de poesias. Porém, o jovem discordaria da sugestão de corrigir as poesias já enviadas, mostrando-se contrário ao trabalho de modificar os versos na poesia: “Em poesia sinceridade é besteira. Sou sincero nos meus versos. Também nunca corriji ou modifiquei um verso. É é. Se não presta jogo fora. Para que ficar mexendo toda a vida em cima dum poema? É puro passadismo” (MENEZES, 2013, p. 41). Não foi possível encontrar uma resposta do Mário a essa posição de Camilo, mas na carta seguinte do jovem há indícios que o intelectual paulista tentou convencê-lo:

Quanto a corrigir versos isso para mim é questão fechada. Você não me convence. O Martins de Oliveira já me cantou isso muitas vezes. O Henrique também. É um costume velho. Bom costume. Nunca hei de ser um poeta forçado.

Porque nunca forcei a mim mesmo. O que é ruim para que modificar? Joga-se fora. Sou assim (MENEZES, 2013, p. 47-48).

Acusando a modificação do verso de puro passadismo, Camilo radicaliza sua concepção de poema enquanto ato resultante da força da inspiração momentânea. Recusando o aspecto técnico do poema presente no ato da modificação, pode-se preencher as lacunas da carta ausente de Mário pela sua ideia de máquina-poema presente em *Escrava que não é Isaura*: “Lirismo puro + Crítica + Palavra = Poesia” (ANDRADE, 1980, p. 205). Contrariando a ideia de um todo estrutural equilibrado entre técnica e lírica, Camilo não parecia reconhecer que o problema do abasileiramento da linguagem exposto por Mário passava por entender e elaborar os meios técnicos da expressão de uma linguagem literária abasileirada.

Vale ressaltar que junto à troca de cartas, a revista *Verde* continuava a todo vapor, agora contando com a ajuda da rede modernista. Agradecendo todo apoio que Mário tinha dado até então, Enrique de Resende é o terceiro a puxar conversa, em carta datada de 23 de novembro de 1927. Na escrita errática que busca se apresentar e trazer algo que sustente sua relação epistolar, Enrique recorre a uma escrita do grupo:

Vou confessar: *Verde* saiu como que para nós mesmos. Nem pensávamos em obter colaboração de vocês. Veio o primeiro número. Já no 2º éramos outros. Você e o Alcântara nossos amigos. Boa, ótima notícia no *Diário Nacional*. Em Belo Horizonte e J. de Fora a mesma coisa. Todos de braços abertos. Foi aí que reconhecemos então a nossa formidável responsabilidade. E mãos à obra! Mas você e o Alcântara, como ficou dito aí por cima, não nos desampararam. Ao contrário. Conselhos e mais conselhos. Orientação para aqui, orientação para ali (MENEZES, 2013, p. 71).

Revelando como o amparo dos modernistas modificou o grupo, passando de algo para si a uma responsabilidade com o movimento, Enrique anuncia nesta carta a 3ª *Verde*, um Manifesto do grupo como

suplemento desta edição e planos para publicação de livros dos membros do grupo. A integração no movimento modernista, trazendo os jovens de Cataguases a um cenário nacional, os fortalece ao ponto de pensarem em voos maiores, de modo que Enrique contasse que “em Minas ainda não houve movimento igual ao que a *Verde*, com apoio de vocês, vem fazendo” (MENEZES, 2013, p. 73).

Passando dessa escrita do grupo para a escrita de si, Enrique também procura o aconselhamento de Mário de Andrade para sua poesia. Ao receber a resposta de Mário, este retrata seu passado: disciplinado por aquela educação que o modernista vinha combater, seguido por um abandono e retorno da atividade literária:

E se eu já estou mais perto do Guilherme e do Ronald, meu caro, é que também já fui um sujeito disciplinado. Em [1]923 publiquei um livro no M. Lobato. Só pelo título você verá que tem indisciplina à beça: *Turris eburnea*. Depois disso fiz mais quatro coisas importantes: adoeci, deixei de escrever, casei e tive um filhinho (MENEZES, 2013, p. 86).

De mais idade - tinha nascido em 1899 -, Enrique de Resende era membro da família fundadora do município de Cataguases. Com um livro publicado e formado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia de Juiz de Fora, em 1924, Enrique havia retornado a Cataguases para trabalhar como engenheiro na Estrada de Ferro Leopoldina. Por esta trajetória, Enrique se diferenciava dos outros verdes “mais ariscos, são mais charlestonizados, mais mários, mais oswalds, mais bandeiras do que eu”, como ele mesmo os descreve (MENEZES, 2013, p. 86). À procura de escrita própria de feição modernista, Enrique coloca o contato com Fusco enquanto motivação para um novo começo ao lado dos verdes. Consciente do que foi e daquilo que o modernismo buscava alterar, Enrique busca no contato com Mário desaprender aquela educação literária passadista ao se modelar como um “principiante que tem uma bruta vontade de escrever, ou melhor, de aprender” (MENEZES, 2013, p. 87).

Nesse sentido, aquele engenheiro já se modificava no contato com a juventude local e junto a ela buscava em Mário alguém que pudesse lhe (des)instruir. Afinal, o estado de juventude, ou melhor dizendo, mocidade, não seria uma questão etária, mas uma condição ativa a ser buscada dentre os modernistas, conforme argumenta Botelho (2015) ao tratar dos depoimentos de Drummond acerca das cartas do Mário:

Mas a mocidade de que fala Drummond não é um estado da natureza. Mas antes [...] uma condição ativa, política e social, a ser conquistada, e bravamente conquistada. Em 1924, pondera Drummond, a “mocidade verdadeira” tinha que vir de “uma depuração violenta dos preconceitos intelectuais”, tinha que superar “fórmulas de bom comportamento político, religioso, estético, prático, até prático”. Havia excesso de boa educação no ar das Minas Gerais, que é o mais puro ar do Brasil, e os moços precisavam deseducar-se, a menos que preferissem morrer exaustos antes de ter brigado” (BOTELHO, 2015, p. 427).

Buscando um novo destino, o contato com a juventude injetou novo ânimo em Enrique. Lançando-se à aventura modernista com aqueles rapazes, procura em Mário alguém para guiar-lhes nesse novo horizonte que se abria. Se, até então, observamos os rapazes da *Verde* buscando Mário para aprimorar-se nos seus poemas, a relação do paulista com Ascânio Lopes apresenta um aprendizado voltado à sua crítica. Já familiarizado com a troca epistolar com os outros da *Verde*, Ascânio envia poemas disposto a aguentar o tranco das respostas de Mário:

Mário de Andrade

Um abraço camarada.

Vão uns poemas para V. Diga qualquer coisa a respeito.

Me escreva; aguentarei firme o tranco.

Do

Ascânio

Cataguases, novembro de 1927.

Não repare a camaradagem e preguiça de escrever uma carta explicativa longa (MENEZES, 2013, p. 79).

Se a insegurança pela demora da resposta aparece no bilhete seguinte como “dúvida se que V[ocê]. quer ou não ser camarada” (MENEZES, 2013, p. 89), a resposta de Mário dá a certeza de sua amizade. Passando a escrever cartas mais longas, Ascânio procura trazer para aquela conversa discussões críticas acerca da literatura.

Em sua terceira carta, enviada no dia 2 de janeiro de 1928, o jovem responde a Mário sobre os comentários acerca de sua poesia, em que havia sido comparado com Ribeiro Couto, concordando com essa aproximação. Para além da reação às opiniões do outro, Ascânio mostra seu lado de crítico, ao noticiar que havia recebido o *Clã do Jabuti* (1927), recém-lançado por Mário, e dado nota sobre ele no jornal *Minas Gerais*. Tendo mais espaço na carta para comentar sobre a obra, Ascânio faz um retrato de Mário de Andrade a partir de sua obra poética, enquanto sujeito à procura de si mesmo, e como enxerga os outros, no caso Ribeiro Couto:

Eu creio que V., devido à cultura filosófica, é o indivíduo que anda de procura em procura. Cria forma; depois a abandona. Mesmo quando V. a faz já pensa que a abandonará. “Prefácio interessantíssimo” talvez contenha mais ou menos o que digo. V. também anda de achado em achado para os outros. Cada livro seu traz a marca incisiva impressiva personalíssima de Mário de Andrade. Mas [eles] parecem que não devem satisfazer a V. e têm entre si poucos pontos de contato. [...] V. é essencialmente alegre e despreocupado com as línguas alheias. V. é o perfeito discípulo de V. mesmo. V. só admira R. Couto como homem inteligente, isto é, ele não é o seu poeta, mas V. cria mentalmente o estado de espírito necessário para compreendê-lo e admirá-lo (MENEZES, 2013, p. 100).

Após ser retratado, Mário de Andrade sugere a Ascânio escrever mais críticas, como se encontrasse nele um potencial para desenvolver esta faceta:

A carta que você me mandou está positivamente excelente como visão crítica. [...]. Acho que você deve escrever críticas pra *Verde*. A que você fez sobre Paulo Prado é uma das únicas coisas legíveis da prosa de *Verde*⁴. E o próprio Paulo Prado estando aqui me falou que gostou muito (MENEZES, 2013, p. 120).

Mário aproveita a carta para continuar a comparação da poesia de Ascânio com a de Ribeiro Couto, voltando as bases de seu pensamento para compreender a obra do último. Em primeiro lugar, Mário se coloca enquanto sujeito voltado a compreender “[...] todos os homens até os ruins. O que não impede que continuem rúins os ruins e eu considere eles assim: RUINS” (MENEZES, 2013, p. 120-121). Apresentando para o outro este primeiro traço do seu ato crítico, Mário afirma gostar da poesia de Ribeiro Couto e se irritar com seus contos pelo “passadismo de técnica” e pelo ar de conversa.

Tendo apontado defeitos na prosa de Ribeiro Couto, Mário continua a expor os valores presentes na sua análise literária. Logo, se antes havia sugerido ao Ascânio que continuasse a escrever críticas, Mário mostra que para além das obras de artes interessava-lhe os homens:

É que hoje, Ascânio Lopes, muito mais que as obras de artes, são os homens que me interessam. Daí uma certa impossibilidade curiosa em que estou atualmente em considerar os defeitos dos artistas como defeitos. Mais que defeitos eles me parecem caracteres, da mesma forma que as qualidades, eles caracterizam o artista. Estou convencido que tem defeitos que o artista em vez de corrigir deve acentuar. Porque acentuam o artista também (MENEZES, 2013, p. 121, sublinhado no original).

Ao responder sua carta, Ascânio percebe o ponto de vista de Mário de Andrade enquanto uma teoria do autor para pensar a literatura. Tomando-a para si, o jovem reexamina suas impressões literárias, como na sua relação com a obra de Oscar Wilde, que admirava, mesmo tendo

aversão a algumas obras do autor irlandês, como *De profundis* e *Balada do encarcerado do Reading*:

É que em alguns de nós, a admiração pelo homem sobrepuja a que temos pelo artista. E ela sobrepujará mais facilmente tanto maior [dose] de coração tivermos. E a vida não é, para alguns uma obra de arte? Compreendi, Mário que eu admirava não o escritor Wilde, mas Oscar Wilde, o homem, nua e simplesmente. Suas produções eu as considerava complemento necessário de sua personalidade. E as obras de que falei destoavam dessa personalidade, da maneira de ser de Wilde. Defeito ou não isso fez ressaltar a mim muito mais a verdadeira individualidade de Wilde (MENEZES, 2013, p. 146-147).

Na sugestão de possibilidades, Mário expõe outra faceta de sua crítica. Se até então ele avaliava os jovens da Verde modulando-se entre técnica e lírica, aqui o intelectual paulista extrapola os limites da obra de arte e declara seu amor à humanidade enquanto critério que lhe permite uma compreensão do sujeito por trás do artista. Esse gesto de abertura é captado por Ascânio, que o experimenta ao reelaborar sua relação com Oscar Wilde. Enxergando um crítico em potencial naquele jovem, a discussão sobre literatura consegue persuadi-lo a experimentar novas perspectivas para pensar a literatura, sem deixar de lado o amor à vida e aos homens, mesmo com seus defeitos.

Por fim, analisam-se as primeiras cartas enviadas por Francisco Inácio Peixoto, que decide enviar uma carta para o escritor paulista ao não receber um *Clã do Jabuti* para si. Enciumado, apresenta-se como mais um daquele grupo ao “Mário Cabral de Andrade descobridor dos rapazes verdes” (MENEZES, 2013, p. 91, sublinhado no original). Recebendo o livro, Peixoto passa a enviar poemas para Mário, que o responde em uma carta datada de 13 de fevereiro de 1928, direcionada tanto a ele quanto a Fusco. Identificando um problema no verso livre do poema de Peixoto, Mário estende a lição para Rosário Fusco:

Gostei do “Ciúme” do Inácio Peixoto. Um pouco meio turtuveado na exposição dos versos livres que não estão bem versos livres porém discricionários, não correspondendo bem a nenhum conceito exato, psicológico ou rítmico, do que a gente pode chamar verdadeiramente de verso livre. Esta observação serve pros dois como aliás *pra todos os moços que estão fazendo poesia*. Não só aqui como em toda parte. Diga se não é verdade: não é verdade que vocês fazem dessa história do verso livre uma coisa fácil da gente fazer? Ora o verso livre, gente, até é mais difícil de fazer que o medido. No medido a gente depois que agarra o balanço vai seguindo só na maciota ao passo que ao livre eiei! cada verso corresponde a uma realidade interior, mais difícil de estabelecer de formas a que além de meramente individualista (coisa que nisto não interessa a ninguém pois inorganizável em valor geral) ele se torne objeto de verificação e dinamização geral de todos. Porque se não é pros outros gozarem e aproveitarem também com o verso que a gente faz então pra que publicar?! Porém este assunto é vastíssimo e carece mais reflexão. Só mesmo em artigo que possa aproveitar mais pra todos. Quando escrever ele, o que não será tão breve, mandarei. Mas acho que vocês devem de imaginar seriamente sobre essa história de verso livre e de arte. A coisa é mais difícil do que parece e sobretudo é mais complicada do que isso de pegar na pena e zaz! poema saiu (MENEZES, 2013, p. 138-139, grifos meus).

Mais uma vez, a lição se estende a um público mais amplo. Mário comenta na carta que quando tivesse tempo escreveria sobre o assunto. Motivado pelos “novos ataques a ele [o verso-livre] e o aparecimento de novos poetas fazendo versos-livres que não o são” (ANDRADE, 1928b, p. 2), Mário escreve dois artigos sobre a questão no *Diário Nacional*. Se no primeiro ele se volta a definir o verso-livre, rebatendo os ataques que essa nova forma sofria, no segundo o autor se dirige à juventude que vêm fazendo poemas em verso-livre de forma arbitrária, sem levar em conta alguma razão “intelectual, psicológica, formal, dinâmica, artística que os justifique” (ANDRADE, 1928c, p. 2).

Sendo cada verso livre uma realidade interior, Mário chama a atenção mais uma vez para o processo de produção do poema. Atendo-se à necessidade da generalização do poema, para que outros também possam gozar e aproveitá-lo, Mário lhes mostra a dificuldade de confeccionar um poema em verso livre, que não somente deve ser bem fundamentado psicológica ou liricamente em cada verso como também elemento a ser trabalhado para além do “pegar na pena”. Voltando-se aos poemas de Fusco, Mário retoma este tópico, já comentado com Camilo Soares:

Fusco então só vendo, mija mais poema que mijo, credo, nunca vi! Que que sucede? Quase nenhuma coisa boa de verdade porque quando a ideia é boa a realização é falha ou vice-versa. Essa história que quando a ideia é boa sai necessariamente na forma boa é bobagem que inda alguns de hoje repetem (MENEZES, 2013, p. 139).

Se Fusco se mostrava desabusado e inquieto e com uma vontade de aparecer, Mário passa a chamar a atenção para a qualidade recente de seus escritos, sugerindo que devia combater a preguiça de criar: “De primeiro você mandava coisas mais pessoais. Ultimamente só manda coisas dos outros. Protesto energicamente contra essa preguiça de criar. Assim garanto que você não arranja nada” (MENEZES, 2013, p. 140). Assim, o aprendizado não se fazia somente no esforço da troca de cartas. Se, por um lado, ali circulavam novos valores para aqueles jovens, as discussões travadas com Mário não são um tipo de escrita que se isolam naquelas folhas. Antes, serviam enquanto meios para examinar não somente seus escritos como a si mesmos. Escrita de vida, a carta que dá vazão à subjetividade a partir de uma forma inacabada também se fez no modernismo como um vetor para uma interação voltada a um aprendizado coletivo.

É claro que isso não se faz de um dia para outro. A correspondência permite observar a interação de Mário de Andrade com aqueles jovens enquanto um jogo de recuos, recusas, concordâncias e avanços entre as duas partes. Tratando-se de um sujeito aberto aos problemas da juventude, o caráter dialógico da correspondência de Mário com o grupo Verde dá

forma ao aprendizado em andamento. Doando-se aqueles jovens, restava a eles corresponderem ao ideal de *self* modernista que ali estava posto, disciplinado para aprimorar a si e seus escritos e dispostos a continuarem o esforço modernista. Pois, como escrevia Mário em carta a Rosário Fusco, continuar aquele movimento exigia coragem para aguentar o tranco:

O presente não é nada pelo que você pode fazer no futuro e tenho esperança que fará. Tudo depende de trabalhar agora, e tomar com seriedade essa brincadeira luminosa da arte. O modernismo brasileiro estaria muito além da sua já enorme vitória, não fosse o poder de frouxos que se meteram nele e não aguentaram o tranco. Por que não aguentaram? É fácil de perceber. Principiar é trabalho leviano que qualquer ombro de piá carrega porém em seguida a gente percebe que não pode ficar nessa promessa de menino-prodígio, que tem mesmo de ir além e sobretudo ir mais profundo e que dê estudo, que dê base, que dê treino e folêgo para isso? Não se tem e não se tem coragem pra começar. Então se faz o que a maioria fez, cai na pandega, não escreve mais, desdenha e caça da poesia e da arte, banca o superior, enfim fazem um dilúvio de coisas que não conseguem esconder a realidade: são frouxos, não aguentaram o tranco. Se ausculte bem primeiro, veja sem ilusões se você é mesmo fatalmente artista. Se é, continue. Se não é, vá ser carroceiro, chofer, corupiê, ladrão, mas seja vitalmente uma realidade, isso é que importa. E aqui estou pra prefaciá-lo o que você quiser (MENEZES, 2013, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aprendizado que se produziu pelas cartas de Mário de Andrade com o grupo Verde, ressalta-se tanto o caráter geral dessa relação com o grupo como a busca de uma modelagem singular em cada uma das interações. Dessa forma, identifica-se que o aprendizado modernista se imprime segundo a variação da escrita de Mário de Andrade com cada um de seus correspondentes, assim como cada um deles buscava

nas cartas sanar seus respectivos problemas e inquietações. Avaliando em conjunto os jovens verdes que vieram a se corresponder com Mário, é possível observar, mesmo com as diferenças dos diálogos, uma pedagogia epistolar geral em funcionamento naquelas relações. Inserido no campo dos movimentos culturais, este aprendizado constitui um meio de ampliar o alcance de uma nova compreensão sobre o trabalho literário no Brasil daquele momento a partir do modernismo. Neste sentido, identificou-se como os valores que constituem um *self* modernista, encetado por Mário de Andrade, se fez presente nessa troca de cartas a partir da crítica do autor ao opinar sobre os escritos daqueles jovens.

Apartados dos centros urbanos da época, a correspondência com Mário de Andrade funcionou também enquanto um meio do grupo Verde se integrar ao movimento modernista. O caso aqui avaliado se insere no processo de rotinização do movimento cultural sobre o qual Mário se debruçava na década de 1920. Sempre atarefado na escrita de cartas ou de matérias para o jornal, a ação cotidiana de Mário de Andrade constituiu-se enquanto um sacrifício de si, modelando sua autocompreensão na atuação no modernismo (BOTELHO & HOELZ, 2022) e construindo um destino coletivo para aqueles jovens que buscavam alguém para guiá-los neste campo de sociabilidade literária. Se, por um lado, avalia-se as cartas dentro desse esforço sacrificial, no silêncio de Mário, justificado pelas tarefas cotidianas, percebe-se uma instabilidade da relação com os jovens. Receosos e distantes dos outros membros daquele movimento, a demora os coloca em um estado de insegurança de si. Vale lembrar que as cartas, embora permitindo certa integração, também é um discurso dos ausentes (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016). A frouxidão desse tipo de laço social é notada tanto por Fusco quanto por Ascânio, que grafam a insegurança naquela relação quando não eram respondidos. O silêncio de Mário, evocando inquietudes naqueles que ansiavam alguma consideração sobre as poesias enviadas, preenche-se pelas outras frentes que o autor também trabalhava em seu dia-a-dia.

Contudo, naquela relação não estava em jogo somente um aprendizado coletivo. Nas primeiras cartas daqueles verdes também se estabeleciam os desejos de amizade, lembrando que a pedagogia epistolar não se

fazia apartada de uma experiência afetiva. Aberto àqueles rapazes, Mário comentava os escritos que lhe enviavam, sobre a última edição da revista *Verde* que haviam lançado ou os livros que passariam a publicar. Opinando sobre suas ações e produções, devolvia aqueles rapazes o trabalho de concordar, discordar, enfim, de se examinar a partir da escrita de Mário.

Nessa retórica aberta, o aprendizado social se faz tendo a carta marioandradiana como uma espécie de desafio externo lançado àquela juventude. Embora seja ressaltado o caráter dialógico daquela forma de aprendizado, a escolha por esse método não deixa de ter seu caráter persuasivo em que, ao jogar para o outro opiniões formuladas a partir dos valores modernistas, parte de um cultivo de si calcado em um *self* modernista. Tratando-o enquanto espécie de gramática comum rotinizada naquelas cartas e utilizada para tratar dos problemas e inquietações daqueles rapazes, Mário estabelece no diálogo epistolar um meio intersubjetivo de mudança cultural ao dar bases discursivas para que aqueles jovens pudessem desenvolver compreensões próprias sobre suas produções e seus papéis na literatura brasileira.

Tendo abordado aqui as escritas iniciais de cada um dos membros da Verde, restaria realizar uma abordagem diacrônica do aprendizado modernista ali produzido, de modo a compreender como os processos de modelagem a partir de um *self* modernista se dão nas escritas de si em (e do) movimento, aberta a avanços e recuos. Observando a carta de Mário direcionada a Fusco e Peixoto, por exemplo, pôde-se observar um protesto de Mário direcionado ao primeiro, enxergando uma piora nos escritos deste. Nesse sentido, aposta-se que o monitoramento dos escritos daqueles jovens se correlaciona com o ideal quase ascético de escritor modernista por parte do Mário de Andrade (BOTELHO & HOELZ, 2022), que tomava a disciplina literária enquanto conduta a ser conquistada para aqueles jovens continuarem o combate modernista.

Por outro lado, ao contextualizar o pensamento de Mário nas cartas pelos seus escritos anteriores, é possível identificar nessa relação de aprendizado uma movimentação do pensamento marioandradiano no cotidiano modernista. Buscando compreendê-lo a partir do par lirismo e técnica, os diálogos com a juventude é mais uma das atuações do

movimento cultural que buscou alterar os processos estéticos e literários. Se no *Prefácio Interessantíssimo* e na *Escrava que não é Isaura* a discussão estética se dá em uma forma semelhante a dos manifestos, repertório constantemente mobilizado pelas vanguardas modernistas, os significados presentes naquelas performances textuais anteriores continuavam a circular na interação com as juventudes enquanto base para a ordem narrativa do aprendizado social.

Detendo-nos no esquema de Lafetá sobre esses textos, pode-se observar como nas discussões nesse grupo de correspondência Mário relacionava a consciência individual daqueles jovens aos problemas coletivos na literatura brasileira, indicando que os problemas dos poemas que lhe enviavam não se deviam a uma inaptidão dos seus correspondentes, mas enquanto sintoma de algo coletivo. Diante disso, Mário coloca a si e ao modernismo um objetivo de tratar estes males do jovem escritor brasileiro. Não à toa, os problemas que aquela juventude trazia para Mário foram reproduzidos em sua coluna no *Diário Nacional*, estendendo seu aprendizado a outros leitores. Neste sentido, especula-se que as diferentes frentes que Mário atuava no cotidiano, seja com livros, cartas ou jornais, possuíam uma orientação programática de alterar a compreensão sobre literatura no Brasil, disputando o sentido das relações literárias e produzindo novos modelos de conduta e pensamento ao escritor brasileiro.

Partindo mais uma vez da viagem de 1924, na caravana paulista a Minas, lembremos que naquele momento Mário de Andrade conseguiu um novo apoio. Se ele estava em movimento, sacrificando-se pelos ideais do movimento modernista, suas ideias também encontrariam na juventude novos caminhos. Com a adesão do grupo Estrela em Belo Horizonte, os ideais modernistas continuaram na estrada, levando o movimento até Cataguases. Por esse entrelaçamento de uma juventude a outra, chega a Mário cartas de um novo lugar. A seiva modernista agora partia do interior mineiro e de lá fez um caminho de volta, procurando no destinatário um espeque para aqueles jovens poderem amadurecer, expandindo o aprendizado modernista a novos horizontes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. “Da metáfora (Carta a Rosário Fusco)”, *Diário Nacional*, São Paulo, 20/11/27, p. 9. Disponível em: <<<http://memoria.bn.br/DocReader/213829/917>>>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- ANDRADE, Mário de. “Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – Poemas cronológicos”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28 (1928a), p. 11. Disponível em: <<<http://memoria.bn.br/DocReader/213829/2041>>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- ANDRADE, Mário de. “Arte – A questão do verso livre – I”, *Diário Nacional*, São Paulo, 20/3/28 (1928b), p. 2. Disponível em: <<<http://memoria.bn.br/DocReader/213829/1840>>>. Acesso em: 09 set. 2022.
- ANDRADE, Mário de. “Arte – A questão do verso livre – II”, *Diário Nacional*, São Paulo, 22/3/28 (1928c), p. 2. Disponível em: <<<http://memoria.bn.br/DocReader/213829/1856>>>. Acesso em: 09 set. 2022.
- ANDRADE, Mário de. A escrava que não é Isaura. In: ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980, pp. 201-300.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond. *História da Historiografia*, n. 16, pp. 174-185, 2014.
- BITTENCOURT, André. Personalidade e destino: Pedro Nava, Mário de Andrade e a socialização do modernismo. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 1, pp. 235-256, 2019.
- BITTENCOURT, André. *A incisão e a lira: medicina, literatura e modernismo em Pedro Nava*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

- BITTENCOURT, André & HOELZ, Maurício. Mocidade rediviva: Mário de Andrade, os jovens mineiros de 1920 e o self modernista. *Sociologia & Antropologia*, v. 12, n. 2, pp. 1-25, 2022.
- BOTELHO, André. Brasil caixa postal: por uma educação estética modernista. In: *A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, pp. 414-434.
- BOTELHO, André. O Modernismo como movimento cultural: uma Sociologia Política da cultura. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 111, pp. 175-209, 2020.
- BOTELHO, André & HOELZ, Maurício. O mundo é um moinho: sacrifício e cotidiano em Mário de Andrade. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 97, pp. 251-284, 2016.
- BOTELHO, André & HOELZ, Maurício. *O modernismo como movimento cultural: Mário de Andrade, um aprendizado*. Petrópolis, Vozes, 2022.
- COUTO, Ribeiro. “A descoberta de Cataguases”, Verde n°5, Cataguases, jan. 1928. Disponível em: <<https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/issue/iss_0000003285>>. Acesso em: 09 set. 2022.
- DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas, uma interpretação sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.
- DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- EDER, Klaus. As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 53, pp. 5-28, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992, pp. 129-160.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- HAROUCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- LAFETÁ João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. Coleção espírito crítico. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.
- MENEZES, Ana Lucia Guimarães Richa Lourega de. *Amizade “carteadeira”*: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). FFLCH-USP, São Paulo, 2013.
- MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar*: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007.
- RICHA, Ana Lúcia Guimarães. *Uma vanguarda à moda de Cataguases*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: FROTA, Lélia Coelho (org.) *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002, pp. 6-33.

Texto recebido em 02/11/2022 e aprovado em 31/01/2023